

\* Heloisa Szymanski:  
Docente do programa  
de Estudos pós  
graduados em  
Educação: Psicologia da  
Educação da PUC/SP  
atualmente na  
coordenação do mesmo.  
Coordenadora do  
grupo de pesquisa  
Práticas educativas e  
atenção  
psicoeducacional na  
Escola Família e  
Comunidade -  
ECOFAM.

\*\*Simone Dalla Barba  
Walckoff Calil:  
Psicóloga graduada pela  
Univali, mestre em  
Psicologia da Educação  
pela PUC/SP e  
doutoranda em  
Psicologia da Educação  
pela PUC/SP.

Correspondência:

Address:

Bairro: Sumarezinho.

São Paulo, SP. CEP:

05437-001.

E-mail:

*simonevalc@yahoo.com.br*

# EDUCAÇÃO E TRABALHO: a prática psicoeducativa em uma cooperativa de trabalho

## EDUCATION AND WORK: psycho-educative practice in a labor cooperative

Heloisa Szymanski\*  
Simone Dalla Barba Walckoff Calil\*\*

### Resumo

Esta pesquisa interventiva, de base fenomenológica, em Psicologia da Educação, investigou a experiência de mulheres de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo em uma cooperativa de costura e as implicações no processo identitário destas. Ao longo da pesquisa foi se constituindo uma Prática Psicoeducativa que denominamos Encontros Reflexivos. Eram encontros semanais com as cooperadas, nos quais discutíamos temas, escolhidos por elas, sobre suas experiências na cooperativa. Durante esse estudo foi possível perceber que, juntamente com os problemas de mercado, de capacitação profissional, de falta de recursos, entre outros que envolviam a cooperativa, havia uma outra questão fundamental: essas mulheres constituíram sua identidade na subalternidade. Assim, apesar de não serem mais babás ou empregadas domésticas, constituir-se como pessoas mais autônomas aparecia como o grande impasse vivido por elas. Além disso, constatou-se, durante essa investigação, que a prática reflexiva realizada em nossos encontros mostrou-se como uma forma possível de auxiliá-las a escolher entre repor a identidade subalterna ou constituir-se de modo mais autônomo. Assim, ao mesmo tempo em que se desvelaram as dificuldades e possibilidades da experiência dessas mulheres na cooperativa de trabalho, desvelou-se, também, uma Prática Psicoeducativa, sobre a qual nos debruçaremos: os Encontros Reflexivos.

### Abstract

This phenomenological interventionist research in the area of Educational Psychology investigates the experiences of women from a low-income community in the city of Sao Paulo, Brazil, who form part of a sewing cooperative, and the

Artigo recebido em:

08/03/2006

Aprovado em:

29/03/2006

implications on the process of building these women's identity Throughout the research, a psycho-educational practice was developed which we termed 'Reflective Meetings'. These were weekly meetings with co-operative members, in which we discussed topics selected by them, relating to their experiences in the cooperative. The research highlights the fact that, together with market problems, professional training, and a lack of resources, among other problems involving the cooperative, there was another fundamental issue: These women have built their identity in subalternity. Thus, even though they no longer worked as maids or child-minders, they still face huge obstacles in attempting to become more independent. The research also showed that the reflective practice used in our weekly meetings proved to be a useful instrument for helping the women choose between replacing their subaltern identity or becoming more independent. The research therefore revealed the difficulties and possibilities that exist in the lives of the women working for the cooperative, and also developed a Psycho-educational practice on which we based the Reflective Meetings.

### **Palavras-chave**

Trabalho e Prática Psicoeducativa; Reflexão e Desenvolvimento de Consciência; Encontros Reflexivos e Identidade.

### **Keywords**

Work and Psycho-educational Practice; Reflection and Awareness Raising; Reflective Meetings and Identity.

## **Introdução**

“Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência – ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos.” Hannah Arendt.

Entre 2003 e 2004 realizamos uma pesquisa-intervenção de base fenomenológica, que teve como objetivo investigar a experiência de mulheres de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo em uma cooperativa de costura e as implicações no processo identitário destas. Durante esse estudo foi realizada uma entrevista reflexiva (Szymansky, 2002) e encontros semanais, nos quais discutíamos temas escolhidos pelas cooperadas sobre suas

experiências na cooperativa. Sobre este espaço de reflexão, que foi se constituindo ao longo da pesquisa, o qual denominamos de Encontros Reflexivos<sup>1</sup>, que nos debruçaremos aqui.

## Ação e pensamento

“O importante não é estar aqui ou ali, mas Ser. O ser é uma ciência delicada, feita de pequenas e grandes observações do cotidiano, dentro e fora da gente. Se não executamos estas observações, não chegamos a Ser. Apenas estamos e desaparecemos.” Carlos Drummond de Andrade.

A participação em uma cooperativa solicita para o aprendizado de uma forma de ser-com -os-outros-no-mundo, como a constituição de relações horizontais, mais democráticas e respeitadas e a procura constante de autonomia. Porém, para se **fazer** diferente é preciso que haja **reflexão**. Vamos recorrer a Hannah Arendt e Paulo Freire para pensar a respeito desse vínculo entre ação e reflexão.

Arendt (2001) afirma ser um fato que homens e mulheres estão mergulhados em processos automáticos dos quais eles não podem se libertar, tais como os processos da natureza, da terra e do próprio corpo. Além dessa série de fenômenos naturais, a autora nos lembra que processos históricos também podem se tornar automáticos, apesar de serem constituídos pelas pessoas. Estes, quando compreendidos como “destino dado”, são experimentados como impossíveis de serem interrompidos ou alterados. Mas, apesar dessa experiência, nesse caso, a humanidade possui a **liberdade**, a “pura capacidade de começar”, de inventar um novo destino.

Para a autora, essa “pura capacidade de começar” revela-se na **ação**, é por meio dela que se objetiva a possibilidade do ser humano poder sair de uma vivência automática, dissolvida na pluralidade, iniciando, com isso, uma nova forma de habitar o mundo.

Essa ação, que é acompanhada do discurso que a traduz, necessita ser feita com outros. Assim, as pessoas podem ver e ouvir umas às outras, “apresentando-se ao mundo humano”, aparecendo como iguais, todas humanas, mas ao mesmo tempo diferentes, singulares. Essa característica

ontológica do homem de ser plural e ao mesmo tempo singular quando explicitada, permite que se revelem as várias formas de compreender a realidade, indicando novas possibilidades de vivê-la.

É a relação entre as pessoas que possibilita compartilhar e garantir a realidade. Cada um se refere a ela a partir de um lugar único no mundo, mas a vive coletivamente. Quando isso deixa de ser vivido com os outros, a relação com o mundo passa a ser estritamente individualizada, como se a cada um coubesse viver “o” e no “seu” mundo, gerando o que Arendt chamou de “fenômeno de massa da solidão”.

Essa forma de ser-no-mundo, além de gerar solidão, faz com que as pessoas se dissolvam na coletividade, massificando-se. O mundo aparece de uma única forma (podemos dizer que da forma dos dominantes) e as diferentes possibilidades de habitá-lo ficam parecendo sonhos ou pesadelos individuais que se esvaem, pois “são desprovidas de realidade”. Dessa forma, quando o mundo em comum desaparece, desaparecem também as aparições de olhares diferentes. Pode-se dizer que a solidão embota o *pensamento*.

É importante esclarecer qual a compreensão de pensar a que estamos nos referindo. Recorrendo novamente a Arendt (2002), pensar é o ato de descongelar a compreensão que se tem do mundo, dos outros, de si, colocando em questão crenças, conceitos, valores e doutrinas. Esse ato, no entanto, não está à procura de verdades definitivas para substituí-los, apenas procura constantemente o sentido do que se vive, das escolhas que se faz. Segundo a autora:

[...] pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo que acontece na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos. (ARENDRT, 2002, p.134)

Podemos dizer que o pensar rompe com a experiência automática, mecânica da vida. Ao se colocar em questão compreensões estabelecidas, coloca-se em questão também os *fazer*s que estão atrelados a eles. Assim, a vida passa a não ser mais vivida como uma linha contínua. Há uma outra forma de se localizar em relação ao tempo que não é mais mergulhada no automatismo do cotidiano. O ego pensante se insere nessa linha do tempo, interpõe-se entre o passado e o futuro, sendo capaz de perceber que a

história aponta para o que foi, mas que não é mais, e o futuro para o que ainda não é. Segundo Arendt (2002, p. 158):

Nessa lacuna entre o passado e o futuro, encontramos o nosso lugar no tempo quando pensamos, isto é, quando estamos distantes o suficiente do passado e do futuro. Estamos aí em posição de descobrir o seu significado, de assumir o lugar de 'árbitro' das múltiplas e incessantes ocupações da existência humana no mundo, do juiz que nunca encontra uma solução definitiva para esses enigmas, mas respostas sempre novas à pergunta que está realmente em questão.

É importante lembrar que essa inserção no tempo mediada pela reflexão que possibilita o rompimento com uma forma de habitar o mundo e o início de uma nova forma, ou seja, a ação, não é feita por todos, apesar de ser uma condição humana. Uma das relações que podemos estabelecer a este respeito é o isolamento, como já foi mencionado anteriormente.

É só no diálogo com os outros que se aprende que existem outras formas de olhar o mundo e de habitá-lo, diferentes da racionalidade vigente.

É importante lembrar que as cooperadas vivem, assim como todos nós, em uma sociedade que convoca para o isolamento, para o individualismo e para a solidão, e que, portanto, solicita-as para uma existência tomada pela racionalidade vigente, vivida na irreflexão e impropriedade. Impropriedade no sentido de não apropriação da forma de cuidado que se está dispensando para a própria existência, a dos outros, do mundo, essa forma já está dada.

Todos nós, muitas vezes, respondemos positivamente a essa convocação. Porém, não há como negar que alguns são mais facilmente afetados por essa solicitação por estarem excluídos das condições básicas de sobrevivência, tais como habitação, educação, saúde, enfim, por viverem na urgência de suas necessidades individuais básicas, portanto, preocupados com elas, estando, assim, mais desprotegidos.<sup>2</sup>

Desprotegidos em razão dessa solicitação que a vida faz para a constante preocupação com as urgências da sobrevivência e que vai constituindo uma forma de viver que se esgota no "agora". O tempo é vivido como um agora contínuo e o pensamento é voltado para o imediato, o que possibilita ocultar o agora como uma possibilidade de interrupção entre o passado e o futuro. Dessa forma, a compreensão da existência é pautada em um "é assim" definitivo, pois não há espaço para o ato de descongelar a compreensão que constituíram a respeito

do mundo, dos outros e de si, como lembra Freire (2001, p. 16): “Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem ‘distanciar-se’ para admirá-la e assim, transformá-la, faz dele um ser ‘fora’ do tempo ou ‘sob’ o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu. O tempo para tal ‘seria’ o perpétuo presente, um eterno hoje”.

Relataremos, a seguir, a história da cooperativa, as descobertas feitas por elas ao longo da participação na cooperativa e a importância dos momentos de reflexão ao longo desse caminho.

## **A constituição da cooperativa e a constituição dos Encontros Reflexivos**

“Ser humano é ser capaz de recusar a ditadura dos fatos; ser humano é ser capaz de dizer Sim quando um Não se coloca como invencível; ser humano é ser capaz de dizer Não quando um Sim se apresenta como inevitável; ser humano é ser capaz de sonhar, é ser capaz de ter utopias”. Cortella.

A cooperativa foi montada no início do ano de 2003 pelo líder comunitário e mais quatro mulheres (que ocuparam os cargos de presidente, tesoureira, entre outros). As demais cooperadas foram convidadas a trabalhar na cooperativa sem maiores orientações do que era e como funcionava. Sabiam apenas que receberiam treinamento em costura e que seriam chefiadas por uma administração já estabelecida. Assim, o funcionamento era muito próximo ao de uma empresa na qual a presidente comandava e as cooperadas obedeciam.

Isso fez com que nossas primeiras discussões, iniciadas em junho de 2003, girassem em torno de quais eram as possibilidades de funcionamento de uma cooperativa e suas implicações. Ao longo desses diálogos, as descobertas de que “então eu não preciso obedecer”, “também posso decidir” (sic) eram entusiasmadas e vividas com espanto. Os encontros tinham (e ainda têm) a participação de quase todas as cooperadas, com apenas uma ou duas ausências.

As reflexões feitas nesses primeiros encontros mobilizavam extremamente. Começaram a questionar a presidente, a exigir participação nas decisões, a marcar assembléias para esclarecer dúvidas a respeito da cooperativa, enfim, a participar efetivamente.

Após atritos com a presidente, devido à mudança de posicionamento das cooperadas, esta decidiu se retirar da cooperativa e, neste momento, foi eleita uma coordenadora temporária, sendo decidido que todas as cooperadas iriam participar de todas as decisões.

Elas estavam muito entusiasmadas, tiraram todos os cartazes de proibições, removeram também a cortina que as separava por áreas e aboliram regras como a de não conversar durante o trabalho e dos intervalos de apenas cinco minutos para o café. Relataram que, após todo esse processo de mudança, chegavam com muita disposição para o trabalho, que o tempo “voava” e tinham muito prazer de estarem na cooperativa. Foi neste momento que fizemos a Entrevista Reflexiva de profundidade, para esclarecer algumas questões.

Durante a entrevista, elas relataram que no início havia um desconhecimento do que era uma cooperativa e que a compreensão da cooperativa como outra forma de se relacionar com o trabalho foi sendo constituída ao longo do tempo. A cooperativa apareceu como espaço de aprendizagem de uma nova profissão (costureira) e também como um lugar que propiciou a descoberta de que o trabalho pode ser vivido como algo bom, abrindo para outras possibilidades de ser trabalhadora. Assim, elas se descobriram como pessoas que sabem “fazer mais coisas do que limpar banheiro e esfregar o chão. Que pode criar coisas bonitas” (sic). Além disso, a relação entre elas é, na maioria das vezes, respeitosa e agradável, diferente do sofrimento que relatam terem experimentado em serviços anteriores ou no início da própria cooperativa com a presidente.

A relação entre as cooperadas apareceu na entrevista como um fator extremamente importante e que possibilitou superações de medos e dificuldades mediadas pela convivência. Por meio da convivência há a descoberta da amizade como algo importante em suas vidas, uma saída para a solidão. Há, também um maior contato com a própria comunidade e com pessoas que estão fora de seu contexto social tais como advogados, políticos, outras cooperativas, representantes de ONGs, psicólogos, entre outros.

A preocupação, a partir de então, passou a ser com a sobrevivência. Era preciso vender o produto e ganhar dinheiro. Conversamos durante vários encontros sobre estratégias profissionais, cursos, enfim, possíveis auxílios para que elas pudessem se informar e procurar possibilidades de trabalho, mas este era um movimento difícil, ao contrário do movimento anterior em que a cada semana, aparecia uma atitude em direção à democratização da cooperativa.

Sempre havia uma justificativa para os telefonemas não dados, os cursos no Sebrae nos quais foram matriculadas e não compareceram, a busca de trabalhos que não fizeram, os acordos entre elas e também os feitos com os outros e que não foram cumpridos. É importante ressaltar que, mesmo tendo condições materiais para fazê-lo (passagens, telefone, tecidos, máquinas etc.), ainda assim o movimento para fora da cooperativa era muito difícil de ser realizado.

Essa dificuldade chegou a ponto de escolherem, então, trabalhar para grandes lojas, que chegaram até elas por encaminhamento da cooperativa vizinha, e que pagavam centavos por peça, dando um lucro de dez reais por mês para cada uma por muitas horas de trabalho exaustivo. Essa escolha foi feita apesar de terem a opção de aceitarem encomendas nas quais teriam que “usar a cabeça” (sic), produzindo seu próprio produto, mas que lucrariam infinitamente mais, iriam criar e não apenas costurar peças já cortadas e montadas.

Esse “usar a cabeça”, colocado por elas, era muito difícil não só pela falta de saber como fazer, mas principalmente por uma dificuldade de escolherem por si mesmas, ou melhor, escolherem por algo que não estava pronto, que precisa ser constituído.

Então, ao mesmo tempo em que a cooperativa aparece para essas mulheres como um espaço de convivência respeitosa, amizade, saída da solidão e descoberta de novas habilidades, também é um espaço no qual elas se debatem com a identidade que constituíram em um meio de opressão, de subalternidade e as novas possibilidades existenciais que se mostram, como uma forma de ser mais autêntica, autônoma.

Dessa forma, durante a investigação, percebemos que juntamente com os problemas de mercado, de capacitação profissional, de falta de recursos que envolvem as cooperativas e que são exaustivamente citados em trabalhos que abordam tal tema, há, nessa cooperativa,



uma questão psicológica importante: essas mulheres constituíram sua identidade na subalternidade. Elas não são mais empregadas domésticas, babás ou donas de casa. Também não são mais membros de uma cooperativa na qual só obedecem a ordens, mas ainda não são também pessoas autônomas, no sentido de procurar constituir possibilidades de ser no mundo que não só as já dadas. Encontram-se num limbo, momento este que Arendt denomina de “ainda não”, situado entre o passado e o futuro.

Ao mesmo tempo em que se desvelou para elas uma possibilidade de serem mais autônomas, acabaram recaindo, em muitos momentos, num modo de ser subalterno<sup>3</sup>. Essa escolha pela subalternidade é feita de forma quase automática, pois possuem uma facilidade enorme para serem absorvidas pelas tarefas cotidianas. É muito difícil refletirem, no sentido de se distanciarem para poder julgar e fazer escolhas para si diferentes daquelas para as quais convoca o cotidiano, ou seja, para refletir.

Porém, apesar desse movimento de reflexão<sup>4</sup> não fazer parte da rotina, percebem sua importância. A demonstração disso é que, em nossos encontros, as escolhas dos temas que fazem vão sempre na direção de um pedido para pensar com elas o que estão vivendo, escolhendo, constituindo. Dessa forma, a pesquisa - intervenção realizada até então - foi aparecendo como uma mediação para a reflexão, no sentido de um maior desenvolvimento da consciência de si. Como lembra Critelli, essa reflexão é apenas:

[...] e unicamente a tentativa de responder à vida não tão subordinados aos outros. Tentar significa empenhar-se a cada momento, e não ficar à mercê da sorte ou do azar, mesmo porque, como eludir a descoberta de que só o eu pode realizar o que lhe cabe realizar? Como ocultar a descoberta de que só o eu pode ser quem ele é e está para ser? (CRITELLI, 1996, p.125).

Tal forma de compreender nossos encontros para elas estava tão clara que em momento algum pediram para dizermos o que achávamos ou o que era certo ou errado. A relação que estabelecíamos era de procurar desvelar quais escolhas que tínhamos e qual o sentido de cada uma delas. Escolher, por exemplo, regras internas mais flexíveis ou rígidas? Ou então, qual o sentido de escolher por apenas produzir roupas para atravessadores, ao invés de, também, desenvolver os próprios produtos? Que dificuldades

e facilidades tinham em escolher este ou aquele? Quais os medos? Estes estavam baseados em que crenças? Como poderíamos enfrentá-los?

Podemos citar como exemplo do formato desses encontros, por ser bastante ilustrativo, uma das últimas discussões feitas antes do encerramento dessa investigação de mestrado. Nesse encontro, elas escolheram como tema a questão da autonomia da cooperativa em relação à associação comunitária. Nessa reunião, estavam questionando as duas salas que dariam para a comunidade na futura sede da cooperativa que estava sendo construída com o financiamento de uma ONG. É importante relatar que a associação comunitária havia pago as contas de luz e água, o aluguel da cooperativa durante seus quase dois anos de funcionamento, e a ONG que havia enviado o dinheiro o fez por conhecer o sério trabalho daquela associação.

Na mesma reunião, uma das cooperadas falou que iria sair da cooperativa. Disse que precisava encontrar um emprego remunerado, que não tinha mais condições de continuar sem remuneração. Ficamos desconfiadas porque era uma das mulheres que já havia recusado vários empregos para continuar na cooperativa e insistimos em perguntar se havia outros motivos para sua saída. Ela começou a contar, muito emocionada, que não suportava mais as discussões que tinha com uma das cooperadas. Perguntamos ao grupo se elas sabiam disso, que aquela mulher iria sair. O comentário foi “nós já dissemos pra ela que é uma pena, porque ela é uma ótima costureira, não é fácil encontrar costureira boa como ela.”

Nesse encontro, retomamos a história delas com a comunidade e delas com a cooperada, apontando como estavam cuidando dessas relações. Perguntamos se havíamos entendido direito, se elas estavam em dúvida se cederiam duas salas do galpão que estava sendo construído para a comunidade que pagou suas contas, apoiando-as durante dois anos, e se de fato estavam de acordo que a cooperada iria fazer falta somente porque era uma mão-de-obra muito qualificada.

Ao escutarem a descrição do que estavam fazendo, elas pareceram muito abaladas. Após essas observações, passamos a discutir a forma utilitária de se relacionar com os outros, que outras possibilidades haveria e para quais direções tais possibilidades apontavam, entre outros pontos?

## Considerações finais

O instrumento principal dos encontros foi o diálogo, pois é por meio dele que as pessoas podem ver e ouvir umas às outras, “apresentando-se ao mundo humano”,<sup>5</sup> aparecendo como iguais, todas humanas, mas ao mesmo tempo diferentes, singulares, podendo revelar as várias formas de compreender a realidade, apontando para novas possibilidades de vivê-la. Além disso, ao falar, segundo Szymanski (2002), tem-se a oportunidade de organizar para si o que se pensa a respeito de determinado assunto. Ao ouvir o que se falou, pois nos encontros é feita uma síntese das falas a todo o momento, existe a oportunidade de ver refletido no outro o pensamento e ampliar ou reformular algumas questões. Ao ouvir o outro, pode-se ter a oportunidade de se repensar, revogar ou ampliar as possibilidades de se olhar para o tema proposto.

A contribuição que acreditamos que nossos encontros puderam oferecer a essas mulheres cooperadas foi auxiliá-las na reflexão sobre a escolha contínua de quem e como querem constituir-se, ou seja, sobre o processo identitário, tendo como único objetivo que a vida passasse a não ser mais vivida como uma linha contínua, de uma forma automática. Não buscando soluções definitivas, nas quais enfim repousar, pois as pessoas são sempre este ser inacabado, e a identidade é sempre um processo contínuo de fazer-se. É justamente por isso que a educação é possível, pois, como lembra Freire (2001, p. 27),

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca.  
***Eis aqui a raiz da educação.***<sup>6</sup>

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10 ed., RJ, Forense Universitária, 2001.  
ARENDDT, Hannah. *A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5 ed. Rio de Janeiro ,

Relume Dumará, , 2002.

CORTELLA, Mário Sérgio. A Exclusão não é uma fatalidade! *Revista Unifeco*, p. 91-93, junho, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva* Brasília, Plano, 2002.

## Notas

<sup>1</sup> Inspirados em Paulo Freire e Hannah Arendt e nos princípios que norteiam a Entrevista Reflexiva (Szymansky, 2002).

<sup>2</sup> Ver Arendt (1988).

<sup>3</sup> Tanto na relação com o mercado de trabalho como nas relações interpessoais.

<sup>4</sup> É muito importante destacar que reflexão no sentido trabalhado anteriormente com Arendt e Freire.

<sup>5</sup> Arendt (2001)

<sup>6</sup> Grifo nosso.